

CORREIO BASTIDORES

POR
FERNANDO MOLICA

Jefferson Rudy/Agência Senado



Centrão aposta em desgaste e desistência do senador

Adversários de Flávio: na chuva para se queimar

O Centrão e mesmo parte do PL decidiram aplicar no caso da pré-candidatura do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) à Presidência uma frase atribuída a Vicente Matheus (1908-1997), histórico e folclórico presidente do Corinthians: “Quem está na chuva é pra se queimar”, declarou o cartola que, por 18 anos, comandou o time mais popular de São Paulo.

Ou seja: o melhor, por enquanto, é não comprar briga com Jair Bolsonaro, responsável pelo lançamento do nome do primogênito para disputar o cargo em 2026. O mais sensato seria então deixar que Flávio seja submetido ao desgaste de manter uma candidatura rejeitada por seus pares e, assim, tome a iniciativa de desistir.

Em busca de equilíbrio

O anúncio da pré-candidatura foi recebido com um silêncio quase absoluto de lideranças de partidos aliados; barulho mesmo fizeram a bolsa ao cair e o dólar ao disparar. Ontem, o mercado tentava buscar um ponto de equilíbrio — segundo um analista ouvido pela coluna, a rejeição ao nome de Flávio animou o mercado, que passou a apostar em sua desistência e na indicação de um outro nome da direita.

Marcelo Camargo/Agência Brasil



Mineiro lembrou que Bolsonaro queria diversidade

Caiado e Zema não desistem

Dos três governadores de direita que se lançaram à Presidência, dois — Ronaldo Caiado (União Brasil), de Goiás, e Romeu Zema (Novo), de Minas — anunciaram a intenção de manter suas pré-candidaturas. Caiado foi direto e procurou frisar o isolamento de Flávio: postou que era uma decisão de Bolsonaro e de sua família e que cabia a ele respeitá-la. Mas afirmou que continuava no jogo. Zema frisou que o ex-presidente lhe dissera apostar em múltiplas candidaturas — rejeita, portanto, a ideia de um nome único da direita.

Complicação de Tarcísio

Os dois e Ratinho Junior (PSD), do Paraná, têm a vantagem de estarem impossibilitados de disputar nova reeleição — será portanto previsível que deixem os governados no início de abril de 2026 para assim terem o direito de tentare qualquer outro cargo em outubro, entre eles, o de presidente da República. A situação de Tarcísio de Freitas (Republicanos), de São Paulo, é mais complicada.

Rasteira

Como Tarcísio pode disputar a reeleição, não faria sentido deixar o Palácio do Bandeirantes para se candidatar a outro cargo que não seja o de presidente. Candidato favorito do Centrão e do empresariado, ele contava uma espécie de apelo coletivo para concorrer ao Planalto — e tomou uma rasteira.

Planejamento

Engenheiro, ex-militar, Tarcísio tende a ser metódico, não segue os arroubos do padrinho Bolsonaro. Sabe que uma candidatura à Presidência, ainda mais contra um adversário forte como Lula (PT), exige planejamento, recursos, negociações, captação de recursos. O lançamento de Flávio o deixou paralisado.

‘Águas vão rolar’

À coluna, o presidente do Republicanos, Marcos Pereira, disse que o partido não tomou decisão sobre a pré-candidatura: “Muitas águas vão rolar”. Afirmou que não iria, ontem, a uma jantar com o OI e os presidentes do PP, União Brasil e PL: “Flávio me ligou ontem convidando, mas disse que não posso”.

Calma no MDB

Quem navega em águas tranquilas é o MDB. Presidido pelo deputado Baleia Rossi (SP), o partido já mandara dizer que não seria contra Lula nem a favor da direita em 2026. Fiel à tradição de priorizar disputas regionais, o MDB também procura escapar de posições que, lá na frente, impeçam eventuais acordos com os novos governantes.

Emenda e soneto

A possibilidade de um recuo de Flávio, anunciada pelo próprio pré-candidato, esbarra na condição que ele insinua — a concessão de anistia para seu pai. Nessa altura do campeonato, o Centrão não quer saber do barulho que representaria uma nova candidatura de Jair Bolsonaro à Presidência.

Esperança

A fria recepção a Flávio anima a centro-direita na busca de uma candidatura alternativa. O grande problema é fazer isso sem ser chamada de traidora por Bolsonaro e seus eleitores — sem estes não dá para ganhar. Há, porém, a expectativa de que bolnaristas aceitem tudo para impedir o PT de ficar no Planalto



Por aliança com Ratinho Jr., PP veta Sergio Moro

Impasse: PP veta Moro para governo do Paraná

Situação pode prejudicar federação com União Brasil

O diretório estadual do PP (Progressistas) no Paraná decidiu nesta segunda-feira (8) que não irá homologar a candidatura do senador Sergio Moro (União Brasil) para o governo do Paraná em 2026.

A deliberação foi unânime e o presidente nacional da sigla, senador Ciro Nogueira (PI), afirmou que não irá interferir.

A posição no Paraná gera um impasse com o partido de Moro, o União Brasil. No plano nacional, PP e União Brasil já foram ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) pedir a aprovação de uma federação, a União Progressista. Numa federação, enquanto ela durar, os partidos que se unem precisam deliberar e agir como se fossem um só.

“Havia uma expectativa de que pudéssemos nos entender com o União Brasil aqui no Paraná, mas isso não ocorreu ao longo destes sete meses, desde que a federação foi anunciada. Ele [Moro] teve oportunidade de conversar com todos e não conseguiu adesão aqui nas fileiras do Progressistas. É o resultado de meses de diálogo. Mas infelizmente o diálogo não prosperou”, disse o deputado federal Ricardo Barros (PP) em entrevista.

No Paraná, o PP integra a base de apoio ao governador Ratinho Junior, do PSD, que deve lançar um nome próprio para o governo estadual no ano que vem.

“Para encaminhar o registro

de chapa, é preciso a assinatura do presidente Ciro Nogueira e do presidente Antonio Rueda, e, no momento, a nossa federação não tem consenso para registrar uma chapa majoritária”, disse Barros.

Para a disputa na proporcional, o PP paranaense quer ao menos reeleger a atual bancada, formada por 5 deputados federais e 7 deputados estaduais.

O deputado ainda sugeriu que Moro deve procurar outra legenda, caso mantenha os planos de candidatura ao Palácio Iguaçu.

“Eu penso que o senador Sergio Moro será candidato de qualquer forma. Ele está no meio do mandato como senador. Vai concorrer de qualquer maneira e vai procurar um partido que lhe garanta a legenda. Aqui na federação, ele não terá condição de registrar sua candidatura por conta da decisão do diretório estadual do Paraná, que será apoiada pelo senador Ciro, como ele afirmou”, continuou Barros.

Questionado se a decisão do Paraná traz risco à federação, Ciro Nogueira afirmou que “espero que não”.

Ele repetiu que vai respeitar a decisão local do partido. “Senador Moro é um grande nome, está liderando as pesquisas, mas jamais ficarei contra a decisão do diretório do Paraná”, disse Nogueira.

Catarina Scortecci
(Folhapress)